

1- Introdução

A proposta para realização desse projeto partiu de minha vontade de unir duas paixões: a obra de Nelson Rodrigues e a de Manuel Bandeira. Infelizmente, a obra do primeiro ainda não tem o devido reconhecimento da academia. Há que se deixar claro que o teatro de Nelson está mais do que canonizado, quando seu nome é citado, todos são unânimes ao afirmar que se trata de um dos maiores dramaturgos que esta terra já produziu. Todavia tratar Nelson Rodrigues, apenas, como dramaturgo é, no mínimo, um desrespeito com o grande escritor que durante toda a sua vida fez questão de jamais hierarquizar ou menosprezar a força e a importância dos outros gêneros textuais produzidos por ele.

Suas estratégias sempre estiveram firmadas nas surpreendentes possibilidades que os lutadores da alta literatura não reconheciam. Mas ele, instintivamente, se se quiser, ou por ter-se formado no meio jornalístico e, sobretudo, da crônica policial, ou por ter sido dramaticamente atraído pelos envolvimento passionais da/na família e na sua própria história, ou ainda por toda a natureza de seu imaginário e das armações de sua veia de escritor, sempre vestiu essas luvas para os embates criativos de suas penas.¹

Nelson sempre deixou claro que tudo o que ele escreveu fazia parte de um projeto grandioso de obra cuja peculiaridade era justamente o fantástico poder de se auto-alimentar de sua própria matéria. Poderíamos dizer que os elementos do teatro rodrigueano estão presentes em todos os contos de *A vida como ela é...*, suas crônicas esportivas, matérias policiais e até mesmo no único romance em que Nelson colocou a sua assinatura, *O casamento*, uma síntese de toda sua obra. Levando-se isso em consideração, não fará a menor diferença, para o tipo de análise que pretendo realizar, que gênero textual rodrigueano estará sendo alvo de reflexão.

Durante as minhas pesquisas, me deparei com uma vasta bibliografia sobre o teatro de Nelson Rodrigues, mas muito pouca coisa publicada sobre as outras partes de sua obra, desse modo, me senti mais instigado para debruçar-me sobre elas. Nelson é Nelson onde quer que o leiamos e como o leiamos, seja no texto que for, são sempre as mesmas obsessões que serão encontradas. Desde os

¹ GUINSBURG, 1994, p. 8.

primórdios de sua escrita, com cerca de quatorze anos, na seção policial do jornal de seu pai, as características essenciais de toda sua literatura já se deixavam revelar.

A partir da minha primeira nota de polícia (um atropelamento), começou a minha guerra com a linguagem. Eu era confesso, um pequeno Flaubert, ou melhor dizendo: — um “baiano” torturado. Queria escrever como um orador baiano. E o que me preocupava era a metáfora. Fui um autor correndo, ofegante atrás das metáforas mais desvairadas. Escrevi que o *copy desk* do *Jornal do Brasil* caiu, pela primeira vez, nos braços do adjetivo. Não fiz outra coisa no começo da carreira jornalística. Também o adjetivo era minha tara estilística.

Depois de passar pelos casos miúdos, redigi a minha primeira tragédia. Uma mulher matara o marido. Não me lembro onde (talvez na rua Mariz e Barros). E, na polícia, quando perguntaram pelas razões do crime, foi sucinta: — “Não gostava do meu marido”. Não entendi, ninguém entendeu. Matar porque não gostava, e só por isso? Eu ainda não sabia que não gostar do marido, simplesmente não gostar, é pior do que o ódio. Numa palavra: — não fora o ódio, que não existia, mas a simples e terrível falta de amor. Na delegacia, na embriaguez da primeira grande chance profissional, tomei todas as notas. E fui para a redação escrever.

Eu não via nenhuma dessemelhança entre literatura e jornalismo. Já ao escrever o primeiro atropelamento, me comovi como se fosse a minha estréia literária. E a minha tragédia também me soou como outra estréia. Sentei-me para escrever. Não podia pensar muito. Mas precisava de uma metáfora como ponto de partida. Lembrei-me da imagem plagiada das “Pombas”: — “a madrugada raiava sangüínea e fresca”. Em último caso, reincidiria no plágio. “Sangüínea e fresca” era bom. E, súbito, me veio outra idéia. Todo mundo ali conhecia Raimundo Correia. Então, desesperado, imaginei a criminosa, dentro da tarde, sonhando com o crime. No horizonte o sol morria numa “apoteose de sangue”. A imagem me pareceu original, revolucionária. E não parei mais. A “apoteose” foi o meu afrodisíaco autoral. Horas depois, ainda comovido, fui para casa. “Apoteose de sangue”, repetia para mim mesmo. Pela primeira vez, me sentia um grande escritor.²

Os crítico e ensaístas sempre insistiram em considerar a obra não teatral de Nelson como sendo uma literatura menor, rasteira, que passeava pelo mau gosto, chegando até ao pornográfico. Na verdade, poucos quiseram enxergar que a real obsessão rodrigueana sempre foi o amor e as maneiras buscadas pelo ser humano para conseguir realizar esse amor, fosse ele do tipo que fosse. De fato, uma literatura pornográfica seria aquela que encontra-se em posição oposta a literatura de Nelson. Sim, porque, no pornográfico, o gozo é sempre parcial, há sempre um ser que busca apenas sua auto-satisfação, não há conjunção amorosa. No meu modo de ver, os textos rodrigueanos estariam mais condizentes como uma “erografia” (a escrita de Eros).

Certamente a marginalidade a que esses textos, rotulados de pornográficos, foram condenados não se deveu apenas à rotulação que receberam, mas antes à

² RODRIGUES, 1994, p.245.

ameaça que representam para a ordem social. Essa literatura erótica (humorística e satírica) vai funcionar como elemento questionador e denunciador da hipocrisia, da tirania e da miséria social (e sexual) em que vivemos.

A importância de Nelson não tem sido alcançada pelos críticos e ensaístas. Ele está muito além (ou aquém?) do rótulo de pornográfico ou tarado que os leigos lhe atribuem. Está muito além (ou aquém) até das corretas análises teóricas que lhe fizeram. A importância da obra de Nelson parece não ter importância. Onde ela menos parece profunda, ali é que ela encontra uma altura rara. Nelson não é traduzível em conceitos laranjas (gíria de jornal que quer dizer intelectualóide ou embromador, que ele muito usava: Fulano é laranja...etc.). Nelson fez uma grande resistência ao laranjismo ou laranjada da literatura brasileira. Vou tentar explicar, correndo o risco de ser laranja.³

Muito provavelmente, eu também seria considerado um laranja, mas não importa... O presente estudo pretende encarar o desafio de quebrar alguns preconceitos que povoam a recepção da obra de Nelson Rodrigues. As páginas que lerás a seguir dizem respeito a uma leitura muito particular de sua obra. Jamais tive a intenção de fazer aquela que seria a única e verdadeira análise dos escritos rodrigueanos. Considero que, geralmente, as leituras que se tem feito da obra rodrigueana têm, de certa forma, sido um tanto limitadas.

Toda poesia revela um sentimento que é tão nosso quanto do poeta, um sentimento deveras humano, e através das emoções desentranhadas na minha pessoa ao fruir a obra de Bandeira, passei a entender o texto de Nelson de uma outra forma. É fato notório que Manuel Bandeira nutria, mesmo que à distância, uma simpatia tremenda pela obra de Nelson. Certa vez, Bandeira chegou a afirmar que ele era o maior poeta dramático da literatura brasileira. Quem sabe não poderíamos até dizer que o poeta Manuel sentia mesmo uma certa identificação com Nelson. Por que não dizer ainda que Nelson conseguiu realizar, de certa forma, na prosa, tudo aquilo que Manuel Bandeira realizara na poesia?

Pretende-se reconstruir os alicerces da trajetória literária dos dois escritores, partindo-se do momento da inspiração repentina, o dito alumbramento, para através do diálogo com a obra de Bandeira, mostrar que é possível depreender muitas idéias do texto rodrigueano que passam despercebidas ao olhar da grande maioria. Para tal foram selecionadas crônicas do livro *A menina sem estrela* além de poemas de Bandeira, que juntos formam uma cronologia da

³ JABOR, 1992, p. 5.

descoberta do mundo, matéria prima do fazer literário de Nelson e do poeta pernambucano.

Confesso que, em certos momentos, utilizei citações um tanto longas para construir o meu caminho. No entanto, por mais que tenha tentado, não consegui suprimi-las, na medida que durante todo o percurso preferi dar voz diretamente aos escritores para construir o possível diálogo. Por se tratar de um material extremamente lírico e de nível poético elevadíssimo, as crônicas foram analisadas como verdadeiros poemas. Acredito que, assim, a parte discriminada da obra de Nelson passa a ter o tratamento que sempre mereceu. Tanto na obra de um quanto na de outro, podem ser pinçados momentos derivados da memória dessa dita descoberta do mundo, que, de maneira geral, se repetem quase que constantemente ao longo da toda prática literária dos dois. Não à toa, Nelson ficou conhecido como uma “flor de obsessão”, justamente por essa sua peculiaridade de “bater sempre nas mesmas teclas”.

... de todos os meus defeitos, este é o que menos me preocupa. Ser autor de um tema único não me parece defeito, nem qualidade, mas uma pura e simples questão de gosto, de arbítrio pessoal. Por outro lado, um autor que volta a um assunto, só se repete de modo muito relativo. Creio mesmo que não se repete nada. Cada assunto tem em si mesmo uma variedade que o torna infinitamente mutável.⁴

Por que não dizer que Bandeira também teria sido uma flor da mesma estirpe?

Nova poética

Vou lançar a teoria do poema sórdido.

Poeta sórdido:

Aquele em cuja poesia há a marca suja da vida.

Vai um sujeito,

Sai um sujeito de casa com a roupa de brim branco muito

[bem engomada, e na primeira esquina

[passa um caminhão, salpica-lhe o paletó

[ou a calça de uma nódoa de lama:

É a vida.

O poema deve ser como a nódoa de brim:

Fazer o leitor satisfeito de si dar o desespero.

⁴ RODRIGUES, 2000, p. 12.

Sei que a poesia é também orvalho.
Mas este fica para as meninas, as estrelas alfas, as
[virgens cem por cento e as amadas que
[envelheceram sem maldade.⁵

Dois filhos ilustres da cidade do Recife, os dois escritores têm mais pontos de contato entre suas obras do que a maioria dos leitores desatentos poderia imaginar. Encarado o desafio, vamos em frente.

⁵ BANDEIRA, 1973, p. 201.